

Ministério do Turismo e Brahmi Cultural apresentam:

21 JUL - 19 SET 2021

CAFÈ MUNDO

UMA EXPOSIÇÃO IMERSIVA

Bem-vindo

03 Introdução à exposição
Café Mundo

04 Texto curatorial

06 Patrimônio ativo mundial

Mesas interativas
Universo Café
Mãos do Café
História do Café

17 Linguagens artísticas

Café e a arte brasileira

Antonio Ferrigno
Candido Portinari
Manabu Mabe
Aldir Mendes de Souza

Ruptura contemporânea

Mulambö
Kátia Fiera
Naiana Magalhães

Instalação Flor do Desejo

Raquel Fayad

38 Fotografia

Armínio Kaiser
Jorge Panchoaga

53 Rádio café

Música
Cinema
Literatura

63 Fotos da exposição

68 Ficha técnica



Armínio Kaiser (1925 Salvador BA – 2014 Londrina, PR).

Abanação do café com peneira, Fazenda Santa Zulmira, Astorga, PR, 12 de junho de 1958.

fotografia analógica captada entre 1954-1967, digitalizada a partir de negativo preto e branco

cópia de exibição ampliada em papel fotográfico

Acervo do Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss”

O café tem uma trajetória fascinante.

Desde que saiu da Etiópia e ganhou o mundo, inspira a cultura e influencia a história da humanidade. Segunda bebida mais consumida no mundo, está presente nas expressões artísticas mais diversas – nas artes visuais, na literatura, na música, no cinema, no design, na arquitetura, na moda, na gastronomia – e faz parte de hábitos, costumes, crenças e rituais de povos variados.



Armínio Kaiser (1925 Salvador BA – 2014 Londrina, PR).

Preparando café, Fazenda Santa Rosa, município de Nova Londrina - PR, 28 de setembro de 1958.

fotografia analógica captada entre 1954-1967, digitalizada a partir de negativo preto e branco

cópia de exibição ampliada em papel fotográfico

Acervo do Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss”

**7,7 bilhões de habitantes.
Mais de 190 países.
Inúmeras culturas
e formas de viver.**

O mundo é vasto, mas uma grande parte dele compartilha um mesmo ritual diário, que se repete de diversas maneiras: beber café. Num planeta tão diverso, o café é uma bebida global. Patrimônio que se bebe, em torno dele gravitam muitos ritos, saberes e fazeres, do plantio ao consumo.



O café como conhecemos é uma bebida consumida há mais de seiscentos anos. Sua trajetória no mundo – que tem origem na África, se reinventa na Ásia e ocupa a Europa, chegando depois às Américas – é um patrimônio da humanidade em toda sua diversidade.

A exposição Café Mundo aborda a bebida nessa perspectiva global, seguindo dois eixos estruturantes, que se distribuem pelo espaço em diálogo: o café enquanto patrimônio ativo mundial e o café como alimento das diferentes linguagens artísticas.

No primeiro eixo, a cadeia do café – da produção ao consumo – e sua história ao redor do globo são apresentadas ao público em um conjunto de mesas interativas, que mostram a trajetória da bebida da planta à xícara, suas características e curiosidades sobre preparo e consumo em diversos países.

O ponto central deste primeiro eixo é uma grande vitrine – uma espécie de biblioteca de objetos ligados à cultura do café – reunindo exemplos da rica e diversa cultura material que se desdobra a partir da presença da bebida em todo o planeta.

Café e cultura são palavras indissociáveis em muitas partes do mundo, incluindo o Brasil. Em torno do café se desdobram muitas linguagens artísticas, seja pela contribuição histórica e econômica da bebida, seja por seus saberes, fazeres ou representações. O segundo eixo curatorial se estende por três áreas relacionadas: fotografia, música/literatura/cinema e artes visuais.

Duas pequenas mostras de fotografia, inéditas em São Paulo, ocupam as áreas laterais da exposição, com imagens de autoria de Armínio Kaiser (Salvador/BA, 1925 - Londrina/PR, 2014) e de Jorge Panchoaga (Popayán, Colômbia, 1984 -). São obras que não se vinculam à iconografia tradicional brasileira e colombiana do café, voltada a seus lugares de produção, mas remetem, em outros termos, aos sujeitos por trás do produto (Kaiser) e aos corpos marcados pela cultura urbana cafeeira no contexto latino-americano (Panchoaga).

Em uma homenagem ao café e a sua presença em nossas casas – para além da bebida em si –, a **Rádio Café** traz ao público suas reverberações na literatura, na música e no cinema. Esse conteúdo, que parte de uma extensa pesquisa, também pode ser acessado no site da exposição: cafemundoexpo.com.br

No módulo dedicado ao café nas artes visuais brasileiras, a exposição contrapõe obras consagradas de Antonio Ferrigno, pertencentes à coleção do Museu do Ipiranga, da USP, à produção artística moderna, que vai de Candido Portinari e Manabu Mabe às pinturas formais de Aldir Mendes de Souza, do acervo do Museu de Arte Brasileira da FAAP e da coleção Santander. Essas obras confluem em um diálogo crítico com trabalhos contemporâneos, como o livro de artista de Katia Fiera, também do acervo da FAAP, a pintura de Mulambö, do acervo do Museu de Arte do Rio (MAR) e um vídeo de Naiana Magalhães, da coleção da artista. A exposição também traz a público o registro da performance de Ismael Ivo, *I Had Too Much Coffee*, de 2002, com direção de Ralf Schmerberg.

Ainda no módulo de artes visuais, Café Mundo traz uma instalação da artista Raquel Fayad, desenvolvida especialmente para a exposição. Com uma série de obras relacionadas ao café, a artista apresenta aqui Flor do desejo, na qual pilhas de xícaras brancas são acompanhadas pelo som do tilintar do preparo do café, aguçando sentidos paralelos aos comumente estimulados pela bebida, como o aroma e a visão da cor terrosa, e remetendo ao branco da florada do cafezal.

Para potencializar a experiência e as reflexões do público, Café Mundo oferece, por fim, uma grande sala imersiva, com conteúdos que colocam em diálogo as muitas camadas de história e de significado do café apresentadas na exposição.

Café Mundo espera atender ao desejo de milhares de pessoas envolvidas na cadeia do café, de produtores a consumidores apaixonados, ao compartilhar sua riqueza e sua importância, bem como sua potência, enquanto patrimônio, de conectar culturas.

**Marília Bonas
Pedro Nery**

PATRIMÔNIO ATIVO MUNDIAL

Mesas interativas

Conteúdo digital desenvolvido para a exposição Café Mundo, apresenta o café enquanto patrimônio ativo mundial. Por meio de um conjunto de telas, algumas com interatividade via leap motion, é possível conhecer um pouco mais sobre a bebida: Como é produzida, suas principais características, curiosidades e como é seu preparo e consumo em diversos países.

Selecionamos para esse catálogo algumas imagens e um resumo, mas você poderá acessar o conteúdo integral no site da exposição.



Da planta à xícara



Cidades do café



Universo barista



Roda de sabores



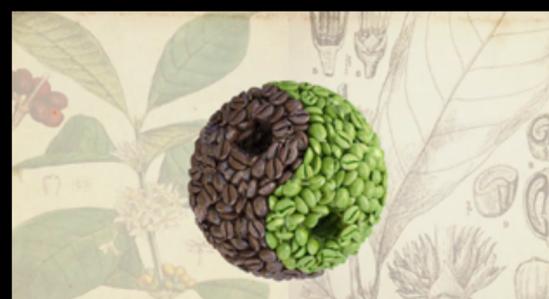
Da planta à xícara

Você sabe por quantas mãos o café passa até chegar na sua mesa? Para estar na sua xícara, quente e delicioso, ele percorre um longo caminho, e a maioria das pessoas desconhece esse percurso. Cada fase do processo exige um cuidado especial.

Para demonstrá-lo, o vídeo *Da planta à xícara* apresenta as etapas de plantio, colheita, beneficiamento, secagem e armazenagem, classificação e prova, torra, moagem e preparo.

Assista aqui:

cafemundoexpo.com.br/mesas-interativas



Cidades do café

Não é surpresa para ninguém que o café é uma das bebidas mais consumidas no mundo. No entanto, há lugares em que as pessoas têm uma relação mais próxima com essa bebida; cidades nas quais seus apreciadores podem saborear diferentes tipos de café, além de apreciar toda a cultura local atrelada a ele.

O vídeo *Cidades do Café* aborda esse universo, mostrando cidades ligadas à origem, ao consumo à divulgação, à produção e à exportação do café, além da tecnologia, do consumo contemporâneo e da popularização da bebida no Oriente.

Assista aqui:

cafemundoexpo.com.br/mesas-interativas



Universe barista

Barista é o nome do profissional que desenvolve a *expertise* necessária para preparar um bom espresso e também criar combinações que sirvam de base aos mais variados drinks preparados com café.

Essa mesa apresenta o universo do barista, mostrando características e curiosidades do preparo e do consumo do café de várias formas em diversos países.

Assista aqui:

cafemundoexpo.com.br/mesas-interativas

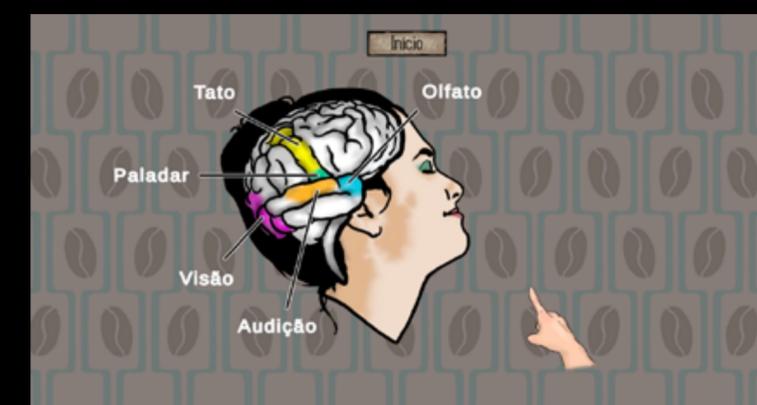
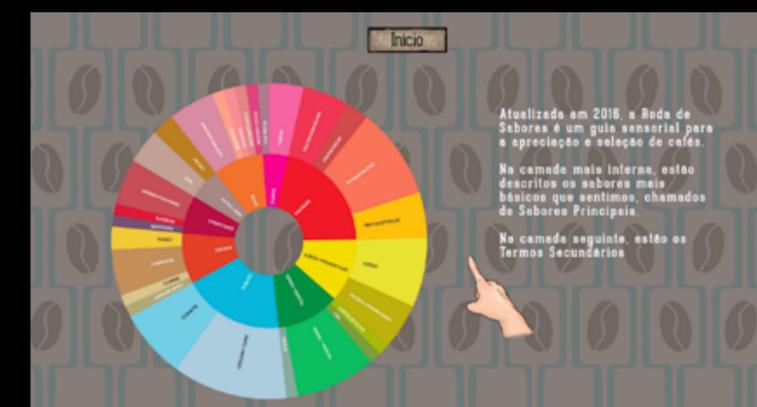
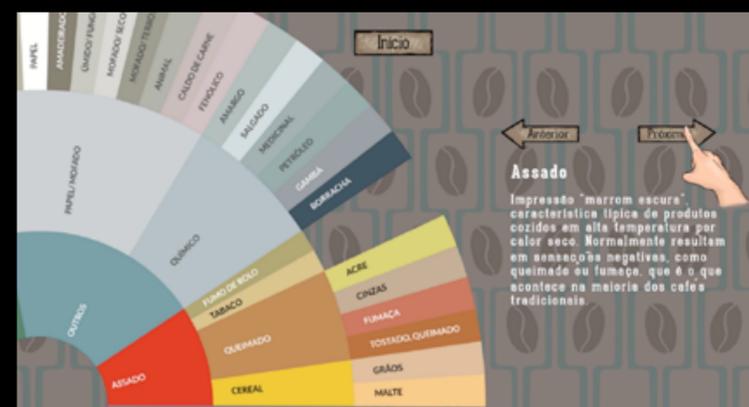
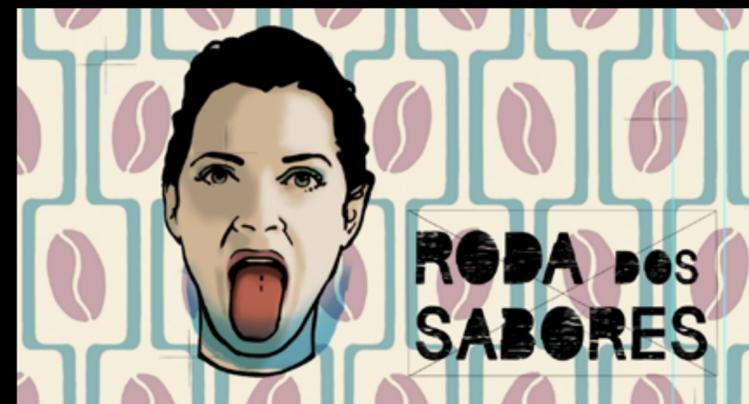


Roda dos sabores

A primeira versão da Roda de sabores do café foi criada no fim do século XX. Consistia em um círculo com três seções distintas, que identificavam notas de aroma e sabores mais básicos. A evolução no sistema de classificação permite que o degustador de hoje identifique mais de 150 atributos da bebida.

A Roda de sabores do café foi trazida à exposição Café Mundo em uma mesa interativa, com tecnologia leap motion, na qual o visitante pode interagir escolhendo os sabores e aromas que gostaria de obter mais informações.

Assista aqui: cafemundoexpo.com.br/mesas-interativas



Vitrine Universo Café

Na entrada da exposição apresentamos uma enorme estante compondo uma espécie de biblioteca de objetos, que reuniu exemplos da rica e diversificada cultura material que se desdobra a partir da presença da bebida em todo o planeta.

Utensílios utilizados nas práticas de produção, preparo e consumo, bem como elementos de comunicação visual, trouxeram à tona questões de funcionalidade, a evolução do design e a relação afetiva do público com objetos que fizeram ou fazem parte do seu cotidiano.



Imagens: Fisheye



Mãos do Café

O trabalho no campo: escravização, imigração e atualidade

Historicamente, quantas mãos foram necessárias para colocar o café no centro de nossa mesa – e da economia mundial? Em que condições se deu o trabalho em torno do café?

O café nasce na África, se amplia para o Oriente e torna-se, em meados do século xvii, uma bebida central no mundo ocidental. Graças a seu enorme potencial econômico, países colonizadores – como Espanha, França, Holanda e Portugal – viram na produção do café uma grande oportunidade de gerar riquezas e manter sua posição imperial. Estruturado na escravização, na relação predatória com a natureza e no uso da força e da hierarquia das relações, o projeto colonial elege o café como tábua de salvação de seu domínio imperial, em meio aos conflitos de independência dos países colonizados.

A produção em grande escala do café nasce, assim, da exploração de pessoas escravizadas. A desumanização implicada nessa prática se traduz na iconografia tradicional cafeeira, na qual vemos – como se fossem parte da paisagem – crianças e adultos em trabalhos forçados.

O Brasil tomou o café como um destino ainda no Império e usou seu ativo para financiar a República nascente. Ainda antes da abolição, implantou uma política de importação de mão de obra estrangeira para a lavoura do café, na esteira de ideias de embranquecimento do país. Asiáticos, inclusive, não eram inicialmente uma população desejada para esse projeto.

Os imigrantes, cuja vinda para o Brasil foi financiada pelo governo, substituíram após 1888 toda a mão de obra dos escravizados, que não contaram com nenhuma política de apoio ou de inserção nessa nova realidade. Para os estrangeiros que chegaram ao país nessa onda de estímulo à mão de obra imigrante, a realidade da cultura do café tampouco era fácil. As condições de trabalho precárias e a herança escravista nas relações com os fazendeiros eram muito diferentes do que se difundia em seus países de origem.

As relações de poder só mudaram com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929: falidos, muitos dos grandes proprietários brasileiros de fazendas de café se viram obrigados a vender parte de suas propriedades aos trabalhadores. Nascia, assim, uma nova classe média de imigrantes e descendentes de imigrantes.

Até hoje, o trabalho no café tem etapas maciçamente manuais, ainda que se conte com a ajuda de maquinários. Em muitos lugares do mundo, as etapas de plantio, colheita e secagem se dão de sol a sol, pelas mãos de trabalhadores. Assim, a luta por condições dignas e pela garantia de direitos ainda é central.

Cultivo, processamento, comércio, transporte e marketing do café empregam milhões de pessoas no mundo inteiro. São essas muitas mãos que nos permitem tomar nossa xícara da bebida no conforto de casa, numa cafeteria ou durante o expediente.



Maquete produzida em escala 1 por 20 de Terreiro de Café.

Materiais utilizados: madeira, gesso, quinoa escura, epóxi e EVA moldado.

Artistas: @Los3floreros formado por Cristina Decot, Marcos Bertoni e Sílvia Moraes.

Crédito imagem: Fisheye

Videomapping A Jornada do Café

Acesse a linha do tempo
histórica e o videomapping:
cafemundoexpo.com.br/historia/

Potencializando a experiência do público e suas reflexões, a exposição apresenta um espaço dedicado a projeção de videomapping instalado em uma sala preparada especialmente para uma imersão audiovisual.

Ele apresenta a jornada do herói onde o protagonista é o café em sua saga para dominar o mundo, colocando em diálogo as muitas camadas de história e significados apresentadas na exposição.





LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Café e a arte brasileira

O café não é apenas um grande tema da pintura brasileira. Também foi usado como elemento e suporte imagético em diversos períodos. A cultura do café no Brasil se encontra num universo muito cotidiano, com marcada presença social e política. Ele aparece em uma perspectiva bastante comum: na contradição entre a opulência oriunda da terra e destinada à exportação e a exploração do trabalhador rural.

Buscando mostrar como esses temas foram mobilizadores, a exposição se divide em dois eixos. Nas paredes que margeiam a sala,

vemos expoentes das artes do século XX, que se inspiraram no café em obras que refletem um imaginário social.

O segundo eixo, nas paredes centrais, reúne trabalhos contemporâneos capazes de causar um ruído na lógica das obras à margem. Eles se contrapõem aos discursos do passado, trazendo dilemas daquela cultura para os dias de hoje. Nesse sentido, a abordagem expositiva evita fazer um panorama histórico, mas ressalta obras em que o café teve efeito decisivo.

Seis pinturas de Antonio Ferrigno compõem um panorama de todo o processo da produção de café na fazenda Santa Gertrudes, em Araras, São Paulo. As telas foram encomendadas pelo proprietário da fazenda para divulgar sua produção no exterior. Seu primeiro destino foi a feira mundial de St. Louis, nos Estados Unidos, em 1904. Isso explica, nas pinturas, o aspecto geral de grandiosidade da fazenda e a riqueza de detalhes do processo.

Sobre o artista

Natural da costa amalfitana, carregava uma tradição naturalista de representação, que adquire em sua obra um tom realista. Além das pinturas de paisagem tradicionais do sul da Itália, Ferrigno se interessava por retratar pessoas comuns. O pintor veio ao Brasil em 1893 e logo chamou atenção de outros pintores italianos e da elite cafeeira.



Florada, 1903

óleo sobre tela

Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP

Antonio Ferrigno

SALERNO, ITÁLIA, 1863

— SALERNO, ITÁLIA, 1940



O Terreiro, 1903
óleo sobre tela
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP



Lavadouro, 1903
óleo sobre tela
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP



Ensaçamento do café, 1903

óleo sobre tela

Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP



Café para a estação, 1903

óleo sobre tela

Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP



A colheita, 1903

óleo sobre tela

Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP

Em contraposição as obras de Ferrigno a exposição apresenta as telas modernas, de Candido Portinari e Manabu Mabe, que têm como eixo o tema do trabalhador rural. O desenho de Portinari é um estudo feito para o mural do Palácio Capanema, exaltando a atividade econômica rural no Brasil, mas centrado na crítica ao tratamento que era dado ao trabalhador.

Sobre o artista

Foi um dos mais influentes pintores modernistas brasileiros. Ficou conhecido pela pintura de temática social e pelas grandes obras em edifícios públicos influenciadas pelo modernismo e tradição muralista mexicana. Filho de imigrantes italianos, nasceu em uma fazenda de café.

Candido Portinari

BRODOWSKI, SP, 1903

— RIO DE JANEIRO, RJ, 1962



Capataz em Cafezal, 1938

estudo para mural do Palácio Capanema (ciclos econômicos), Rio de Janeiro

carvão sobre papel kraft

Dimensões: 123 x 133 cm

Acervo Museu de Arte Brasileira - MAB FAAP

Direito de reprodução da imagem gentilmente cedido por João Candido Portinari

Na obra de Mabe, as personagens de mulheres levadas à essência geométrica, também estão focadas no trabalho. Assim, em distintas vertentes modernas, há proeminência do trabalhador sobre a fazenda; é a atividade que determina a lógica e a riqueza das imagens.

Sobre o artista

Artista nipo-brasileiro após os anos de 1960, tornou um dos grandes expoentes da abstração lírica e da pintura gestual no Brasil. Veio do Japão aos dez anos de idade, com sua família, e viveu em uma fazenda de café até se mudar para São Paulo, em 1957. A pintura *Colheita de café* de 1953, é da fase em que o pintor era também lavrador e essa tela carrega múltiplas referências, que vão do cotidiano do povo japonês emigrado para o Brasil à síntese da linguagem modernista e à sua aproximação da temática social.

Manabu Mabe

KUMAMOTO, JAPÃO, 1924
— SÃO PAULO, SP, 1997



Colheita de café, 1953

óleo sobre tela

Coleção Santander Brasil

© Instituto Manabu Mabe

Aldir Mendes de Souza pintou cafezais na década de 1970, procurando elos formais de perspectiva geométrica em elementos repetidos e simples. Há em sua pintura a busca de uma forma sintética de linguagem, próxima à pesquisa dos modernistas, bem como o uso de elementos da pintura popular brasileira na disposição e na composição. Mas a vista é de uma fazenda mecanizada, racionalizada, que se contrapõe à manualidade e à subjetividade da pintura. Em Aldir, a contradição social parece se esvaziar na plasticidade da forma, mas sem perder totalmente seu sentido crítico, já que ainda percebemos o imaginário de uma indústria capaz de colocar fim a outra opulência: a da cultura popular e rural

Sobre o artista

Artista autodidata, dividia-se entre as profissões de pintor e de médico. Nos anos 1970, chegou a usar imagens de raio X em seus trabalhos, aproximando suas duas atividades. Na pintura, caminhou do uso da cor com volumes parcos para uma pesquisa cromática relacionada à criação de campos de perspectiva. O cafezal é um tema constante, desde o início de sua trajetória. É a partir dessas pinturas que o artista abandona a figuração.

Aldir Mendes de Souza

SÃO PAULO, 1941
— SÃO PAULO, 2007



Cafezais multinacionais, 1976

óleo sobre tela

Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP



Cafezal #1, 1970

óleo sobre tela

Acervo Museu de Arte Brasileira - MAB FAAP

LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Ruptura contemporânea

As obras contemporâneas colocam questões fundamentais sobre a narrativa histórica do Brasil e o café como suporte de imaginários. Todas têm um sentido crítico comum; voltam-se para o processo de colonização, revisitando sua simbologia e suas narrativas. Apontam para os estigmas sociopolíticos que advêm da estrutura colonial e permeiam o próprio fazer artístico. A ferida do passado se abre, indagando o tom eloquente do século XX e a manutenção do binômio opulência/miséria legado pela monocultura

escravocrata. A não superação desse paradigma colonial é denunciada, bem como as marcas deixadas por esses imaginários.

Assim, o ideário contemporâneo é negativo; seu desejo de ruptura e de elaboração desse passado resulta da certeza daquilo que não se quer. Em diálogo com obras clássicas e modernas que versam sobre o café, os trabalhos contemporâneos as colocam em xeque.

Na obra de Mulambö, a conexão é explicitada na forma da pintura, que representa o perfil de um homem negro sobre um tecido semelhante àquele usado em sacas de café; em tom irônico, o artista a intitula *Arte preta tipo exportação*, ligando passado e presente com os procedimentos e materiais que utiliza. A obra reconecta o contemporâneo ao passado do trabalho extenuante, da escravização e das demais mazelas que o cafezal legou, como sequela à sociedade de hoje.

Sobre o artista

É um artista visual que trabalha com materiais e linguagens diversos, de pintura mural a arte digital. Sua produção é marcada pelo desejo de encontro com sua comunidade natal, à qual retornou após sua formação universitária. Interessado em produzir trabalhos que pudessem ser vistos e apreciados por pessoas comuns, passou a fazer pinturas e colagens com materiais que encontrava na cidade, usando papelão, muros e até pranchas de surf como suporte.

Mulambö

SAQUAREMA, RJ, 1995



Arte Preta Tipo Exportação, 2019

tinta sobre juta

Coleção MAR - Museu de Arte do Rio/ Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro

Kátia Fiera subverte a “viagem pitoresca e histórica ao Brasil” do pintor Jean-Baptiste Debret – conhecido por integrar a Missão Francesa que teria civilizado as artes locais, - e a recria, explorando Paris e suas cafeterias de esquina, que explicitam um elo com o produto oriundo dos trópicos.

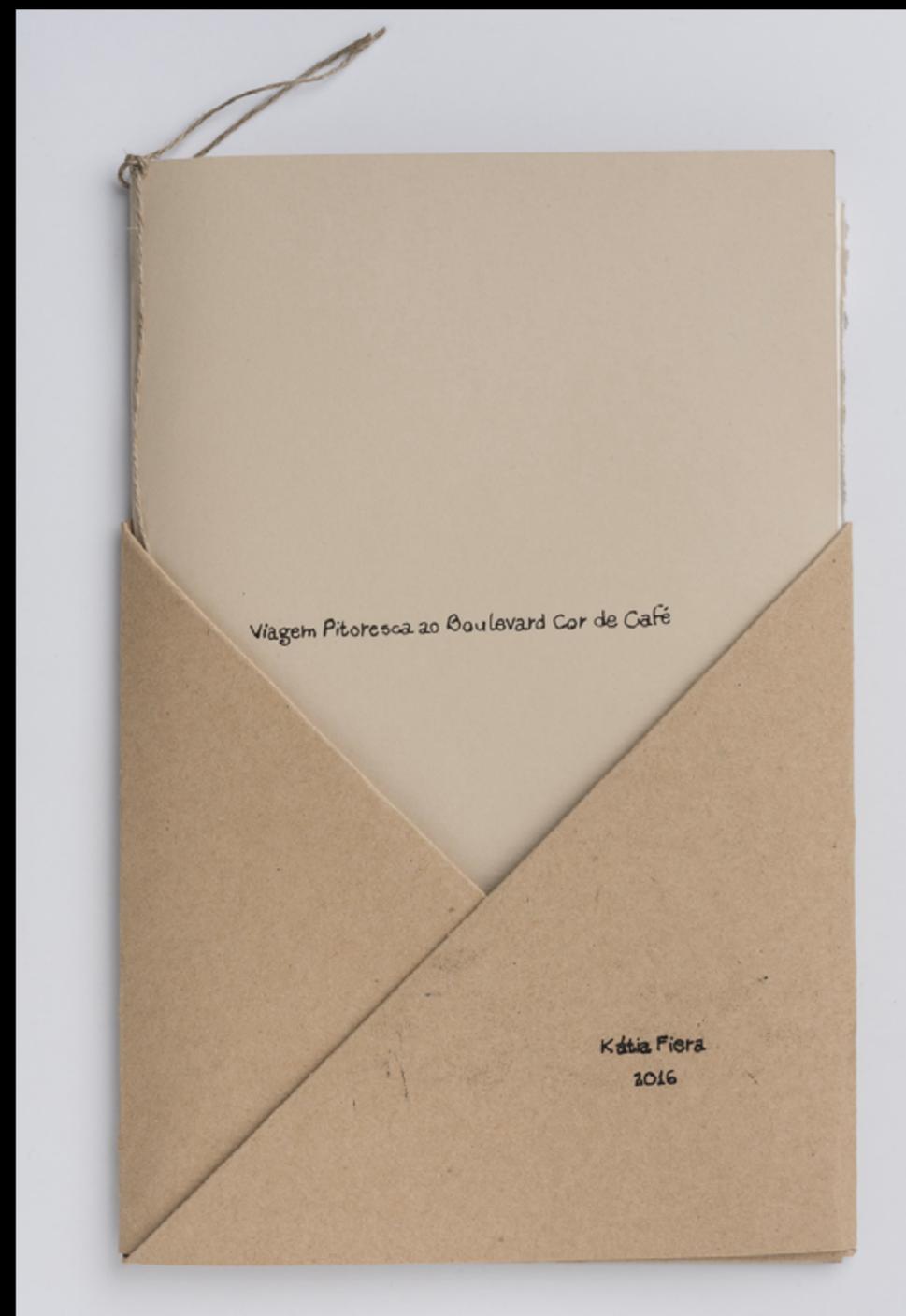
A obra-livro *Viagem pitoresca ao Boulevard Cor de Café* (2016) propõe um movimento inverso a obra do artista francês: brasileira, ilustra a Paris de Debret, destacando a forma como a cidade e sua população tornam-se diferentes conforme se caminha para a periferia. Diferentemente de Debret, o olhar expresso em seu livro não é exótico, mas afetivo. Kátia não busca a clareza narrativa das imagens, mas traz à tona as sobreposições de camadas que são próprias da experiência social urbana.

Sobre o artista

Artista visual, tem a cidade como um de seus eixos de pesquisa. Recorre ao desenho, à colagem e mesmo à concepção de montagens, em papel ou livro, com volume vertical, para estabelecer uma relação com a grandeza construtiva que caracteriza o urbano.

Kátia Fiera

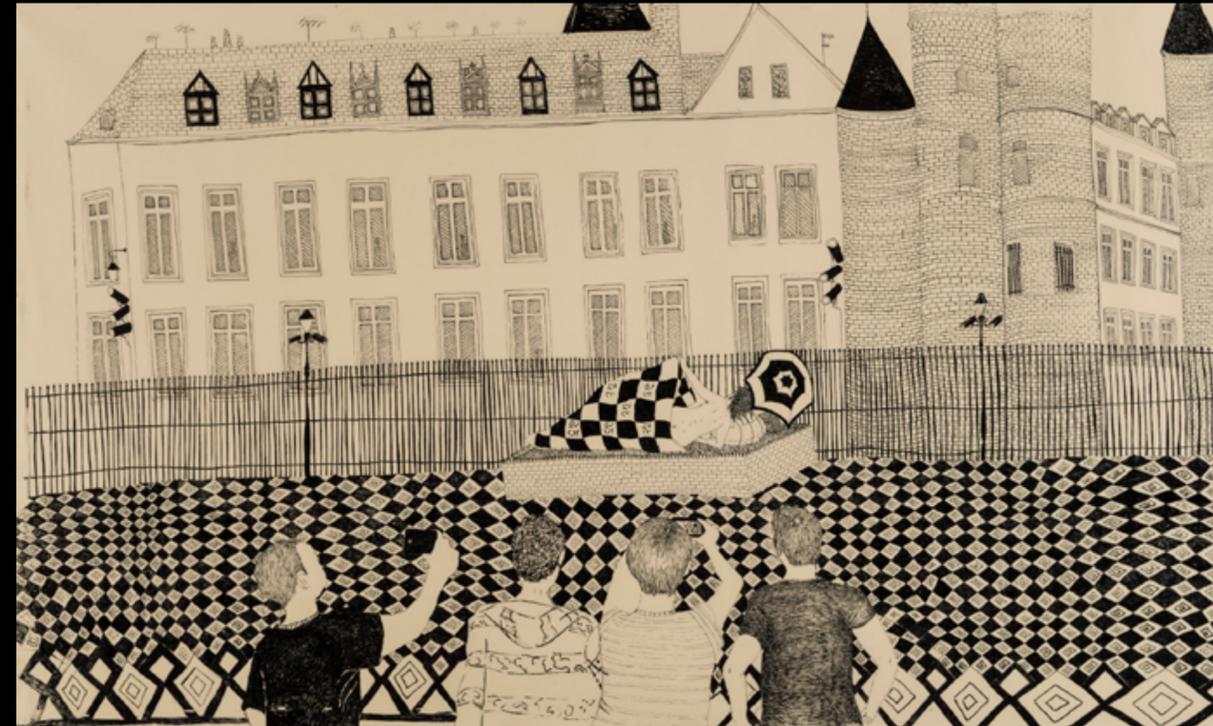
SÃO PAULO, 1976



Viagem pitoresca ao boulevard cor de café, 2016

serigrafia, papel canson, papel kraft e barbante

Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP



O título do vídeo *Café Colonial*, de Naiana Magalhães, nos remete a um estilo de café da manhã típico de estâncias brasileiras. Quando vemos as imagens, porém, percebemos o uso singelo das cores do café e do leite sobre a pele humana, ressignificando os discursos profundamente enraizados da miscigenação e da democracia racial brasileira.

Sobre o artista

Artista multimídia, vem desenvolvendo um trabalho sobre o tempo, não na forma abstrata, mas tratando de sua percepção histórica e experiência concreta. Em seus vídeos, essas questões são abordadas tanto na forma quanto na sobreposição de camadas históricas. Extraíndo do contemporâneo seu passado – longínquo ou imediato –, a artista ressignifica sentidos que parecem querer apagar-se.

Assista aqui:

cafemundoexpo.com.br/artes-plasticas/



Café colonial, 2014

vídeo 3'15"

Coleção da artista

Naiana Magalhães

FORTALEZA, CE, 1986



No vídeo *I Had Too Much Coffe*, Ismael Ivo vestido de branco, começa servindo a bebida sobre louças também brancas espalhadas pelo chão; aos poucos, a dança ganha um tom mais violento. A catarse dos efeitos inebriantes da cafeína resulta na roupa manchada, nas paredes e xícaras. O vídeo nos leva a questionar o sentido de servidão do homem negro e sua relação estabelecida com o café. O imaginário de opulência relacionado ao café é desarticulado e um discurso histórico de submissão, abertamente confrontado.

Vídeo na íntegra presente na exposição e no tour virtual:
cafemundoexpo.com.br/tour-virtual/

Ismael Ivo

SÃO PAULO, SP, 1955
— SÃO PAULO, SP, 2021

Ralf Schmerberg

LUDWIGSBURGO, ALEMANHA, 1965



Sobre os artistas

Ismael Ivo

O coreógrafo e dançarino Ismael Ivo descreveu uma trajetória brilhante, de suma importância na dança. Nos 33 anos em que viveu na Europa, trabalhou com importantes diretores e coreógrafos, ajudou a fundar o festival internacional de dança ImPus Tanz, em Viena, dirigiu a seção de dança da Bienal de Veneza e foi o primeiro negro e estrangeiro a chegar a ser diretor do Teatro Nacional Alemão, em Weimar. Em 2017, ele retornou ao Brasil para assumir a direção do Balé da Cidade de São Paulo. Faleceu no dia 8 de abril de 2021, aos 66 anos, vítima de complicações da Covid-19.

Ralf Schmerber

Artista, cineasta, fotógrafo, músico e ativista, iniciou seu trabalho na fotografia na Alemanha em 1987, após voltar de uma grande jornada espiritual que começou aos 17 anos, quando decidiu viver junto aos Sannyasins, e logo depois junto ao 17º Karmapa e seus seguidores. Ao lado de suas fotografias existe uma obra cinematográfica diversa, que abrange longas-metragens, documentários, curtas-metragens, videoclipes e comerciais. Muito do trabalho de Schmerberberg é movido por um grande interesse na ação e intercâmbio social com o objetivo de gerar intervenções contemporâneas na esfera social. Em 2007, Schmerberberg fundou o coletivo de arte Mindpirates. Com suas atividades colaborativas e experimentais no espaço público, o grupo rapidamente se afirma como um elemento essencial da vida cultural de Berlim.

Desde 2014, Schmerberberg trabalha em um projeto cinematográfico e fotográfico de longo prazo que retrata a beleza desaparecida do subcontinente indiano. Ele vive e trabalha em Berlim.



I Had Too Much Coffee [Tomei café demais], 2002
vídeo, 2'17"

música: Patrick Christensen (PC Nackt)

Coleção Ralf Schmerberberg

Texto do diretor Ralf Schmerberg:

I Had Too Much Coffee (Tomei café demais) é um vídeo que fiz em 2002 com o coreógrafo e dançarino **Ismael Ivo**. A ideia era criar uma imagem que brincasse com o consumo de café no mundo.

A obra de Ismael Ivo como dançarino e coreógrafo sempre me inspirou. Conheci Ismael no Rio de Janeiro, em 2000, quando ele visitou o set onde eu estava gravando uma sequência de meu filme POEM com a grande bailarina e coreógrafa Marcia Haydée. Márcia e Ismael eram velhos conhecidos, e nos divertimos muito juntos. Quando ele foi embora, eu já sonhava em trabalhar com ele em algum projeto cinematográfico.

I Had Too Much Coffee era a ideia certa para chamar Ismael, que vivia mais tempo em Berlim na época. Ele imediatamente concordou em fazer o vídeo, e produzimos tudo em poucos dias. Montei um set no estúdio e o convidei para improvisar com as xícaras e o café. Conhecendo Ismael, sabia que não precisava pensar na direção. Bastava oferecer a ele uma atmosfera em que pudesse mergulhar.

Ele estava cheio de ideias e a coisa toda simplesmente fluiu. Foi um momento de muita diversão e risadas. Eu diria que foi um dia mágico – de fazer várias formas de arte se fundirem umas nas outras.





Flor do Desejo

As xícaras brancas e vazias se associam rapidamente a falta ou a claridade. Servem de espaço para o som que as preenche. O vazio é ocupado por outro sentido abstrato; o tilintar liga a simplicidade da porcelana a sensores diferentes daqueles que usualmente acionaríamos, como o toque. Isso produz um efeito sinestésico, uma pista deixada pela artista para pensarmos naquilo que orienta nossas recordações. Esse encontro nos fará lembrar do cheiro de um café, de um lugar, de alguém, de um evento único, de múltiplos eventos recorrentes. Raquel Fayad extrapola os sentidos ao conectar a flor do café, conhecida pelo “desejo” que seu aroma irradia na florada, às xícaras, alvas como elas. Ambas carregam algo além do vazio; estão sempre preenchidas por significados.

O novo contexto que essas xícaras ganham ao serem manipuladas pela artista e tornadas obra de arte, bem como o acúmulo físico e o empilhamento de sentidos, são todos procedimentos ficcionais. O que vemos é uma realidade inventada, feita de um pouco de nós mesmos. O tema do café é sobreposto à situação social com a qual comungamos sem ter respostas. A instalação, assim, é também sobre a infinitude do desejo. O desejo por coisas bem mais simples do que éramos capazes de entender, até percebermos sua ausência.

O que depreendemos do branco, em oposição à sinestesia do preenchimento confortável e escuro do café imaginado, é o memorável encontro humano que se realiza na manipulação da matéria aparentemente asséptica de uma xícara de café. Nessa ficção, o desejo é um desvario utópico imediatamente retrospectivo.

Raquel Fayad

ATIBAIA, SP, 1968



Flor do desejo, 2021
xícaras brancas e instalação sonora
Coleção da artista

Imagens: Fisheye

Sobre o artista

Formada em artes visuais, dedica-se à pintura e à instalação multimídia, delimitando um campo de atuação calcado nas relações afetivas e na sinestesia da memória. Já compôs outras obras relacionadas com café, como a instalação CampoAmor que reproduzia um terreiro de grãos de café, e a coleção de guardanapos embebidos de café onde compunham pinturas que dialogavam com a espontaneidade das formas, em uma reconstituição pictórica do ato de beber o café.



FOTOGRAFIA

A fotografia constitui um campo à parte na exposição Café Mundo. Nossa pesquisa procurou evitar imagens clássicas do século XIX, já muito conhecidas e debatidas, para trazer ao público fotografias inéditas, tanto no circuito paulista quanto brasileiro.

Selecionamos dois fotógrafos: o amador Armínio Kaiser, que registrou cafezais do interior de São Paulo e do Paraná nas décadas de 1950 e 1960 em imagens nunca exibidas fora do Paraná; e o artista colombiano Jorge Panchoaga, cuja série *Casí Cafe* [Quase café] é inédita no Brasil.

As escolhas se aproximam das artes visuais, destacando trabalhos que, de formas distintas, imprimem ao tema do café uma visualidade incomum.

Agrônomo de profissão, Kaiser usava o clique da máquina de maneira despreziosa. As imagens que vemos foram feitas ao longo de anos de trabalho em plantações de café. O melhor de sua produção fotográfica concentra-se justamente em seu período de isolamento nas fronteiras da cafeicultura, principalmente no interior de São Paulo e do Paraná, em locais onde muitas vezes sequer havia água potável. Armínio foi funcionário do IBC (Instituto Brasileiro do Café) entre 1952 e 1989. Preocupava-se em dissuadir os cafeicultores de usar a estratégia da terra arrasada, e em ajudá-los a tornar a plantação mais produtiva e garantir maior qualidade ao café, minimizando o impacto da degradação do solo. Seu sonho de agrônomo era colaborar para sanar problemas sociais brasileiros, por meio do aprimoramento da produtividade agrícola.

O fotógrafo Armínio Kaiser só seria redescoberto por pesquisadores paranaenses 50 anos depois de realizar suas imagens. Os negativos haviam ficado guardados em latas e corriam risco de deterioração. Esse resgate recente de sua produção fotográfica trouxe à luz um legado importante da fotografia moderna – e de sua presença além do circuito já conhecido. Apesar de amador na fotografia, é notável a percepção que Kaiser possuía de referências plásticas. Suas imagens são construídas a tal ponto que percebemos a dinâmica geométrica e de captação do instante. Assim, manipulava a câmera em favor dos elementos que constituem a linguagem fotográfica e o sentido moderno.

Armínio Kaiser

SALVADOR - BA, 1925
— LONDRINA - PR, 2014



fotografia analógica captada entre 1954-1967,
digitalizada a partir de negativo preto e branco
cópia de exibição ampliada em papel
fotográfico

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"

Homem carregando cesto, denominado
balaieira ou quiçamba, e destinado à
colheita. Fotografia realizada durante
viagem a Santo Antônio do Amparo, MG,
Fazenda da Lagoa, 1955

Essas imagens ditas amadoras não nos mostram apenas o olhar científico e objetivo do agrônomo sobre plantações e mudas de café. Percebemos nelas uma perspectiva peculiar, que sutilmente se revela, compondo uma percepção particular do cafezal. O ideólogo Kaiser emerge, visível na comunhão entre a plantação – e suas grandes dimensões – e a miudeza do trabalho humano.

Linhas ortogonais e grandes planos reforçam a disparidade entre o sujeito e a vastidão incomensurável da plantação, do armazém, dos sacos de café, dos terreiros de secagem. Nas imagens de Armínio Kaiser, sentimos a presença do recorte; a realidade é talhada nos limites do quadro da câmera, deixando ver um universo controlado, que nos convida à compreensão de seus próprios limites.

Mas é mesmo um paradoxo, já que a profundidade das imagens nos oferece sempre caminhos infinitos, a perder de vista. Em retratos de trabalhadores, galpões de fábrica e até mesmo viveiros de mudas, a sensação é de deslocamento, de uma perspectiva que se afasta, criando uma distância irrevogável entre o operador e a realidade a sua frente. A harmonia e a comunhão se dão na relação utópica, na medida que o agrônomo e o fotógrafo Kaiser são capazes de mobilizar o espaço. Assim, os trabalhadores retratados se embrenham na composição e recortados da realidade sinalizam o sentido da fazenda de café como espaço de transformação para o idealista Kaiser.



Mulher costurando um saco de café,
Salvador, BA, 19 de setembro de 1954

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Viveiro de café, variedade Mundo Novo. Horto Florestal da Cia. Paulista, Araras, SP, 29 de janeiro de 1955

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Armazém Ipiranga; Instituto Brasileiro do Café (IBC), São Paulo, SP, 1955

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Monte de sementes de café coberto por lona. Fazenda Cambuhy, Matão, SP, junho de 1954

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Homem espalhando sementes de café na fazenda Palmeiras. Ipaussu, SP, julho de 1954
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Homens espalhando café na fazenda Palmeiras, Ipaussu, SP; no segundo plano veem-se trilhos para transportar o café dentro da fazenda e, ao fundo, o armazém do grão seco. Julho de 1954
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Café recolhido e reunido em montes na fazenda Lageado, Botucatu, SP, 16 de junho de 1955
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Homem colhendo café na fazenda São Pedro do Paraíso, Itatinga, SP, 20 de junho de 1955
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Mudas no cafezal na fazenda Retiro, em Araras, SP, 29 de janeiro de 1955
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Quatro mulheres e um homem colhem sementes de café na fazenda São Pedro do Paraíso, em Itatinga, SP, 20 de junho de 1955
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Filial do Instituto Brasileiro de Café
de Ipiranga, SP, 19 de julho de 1955
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Mudas no viveiro, Maringá, PR, 1957
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Cafezal entre Mirador e Paranavaí, PR,
28 de junho de 1958
Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Armazém III de Londrina, PR, preparações para o recebimento do café, 1967

Acervo do Museu Histórico de Londrina "Padre Carlos Weiss"



Abanação do café com peneira, Fazenda Santa Zulmira, Astorga, PR, 12 de junho de 1958

Acervo do Museu Histórico de Londrina "Padre Carlos Weiss"



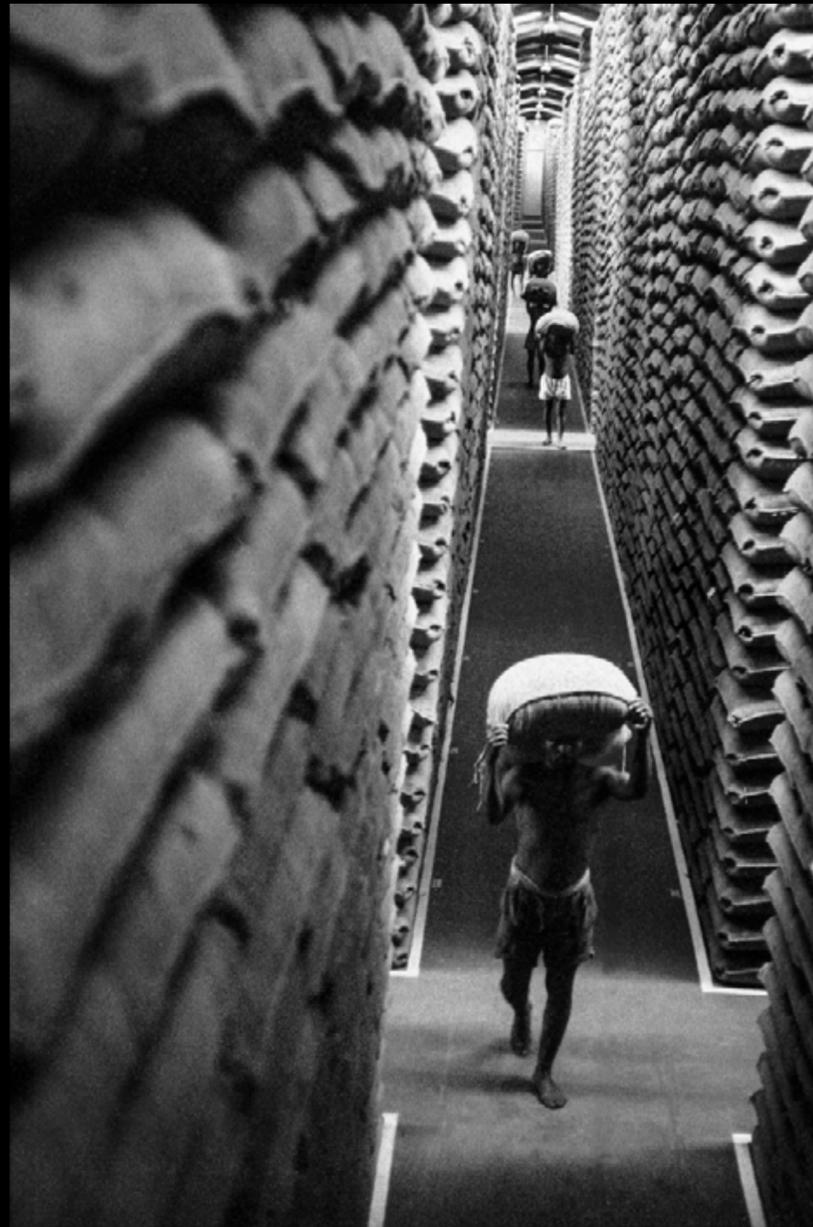
Galhos de um pé de café durante a floração no distrito de Itaúna, Nova Londrina, PR, 27 de setembro de 1958

Acervo do Museu Histórico de Londrina "Padre Carlos Weiss"



Preparando café, Fazenda Santa Rosa, município de Nova Londrina, PR, 28 de setembro de 1958

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Homens carregando sacas de café pelos corredores do Instituto Brasileiro do Café (IBC) em Ibiporã, PR, 17 de fevereiro de 1967

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"



Abanação do café com peneira, Sítio São João, Santa Fé, PR, 22 de junho de 1967

Acervo do Museu Histórico de Londrina
"Padre Carlos Weiss"

Casi café

O título dessa série de fotos de Jorge Panchoaga – em português, “quase café” – é uma menção ao tipo de café mais consumido na Colômbia, em geral grãos que não foram aceitos para a exportação. Com formação em ciências sociais e antropologia, o artista usa sua câmera para identificar pessoas e lugares relacionados a um café que não é o do merchandising ou das marcas gourmet, e sim esse, considerado de baixa qualidade.

Panchoaga usa a fotografia como experimento visual, mas também social. Elege o café sabendo tratar-se de um dos maiores símbolos de seu país. Sua câmera age com enfrentamento, nos colocando diante daquilo que é a força motriz de uma economia e um significante para a população. Ao mesmo tempo, percebemos uma relação cotidiana, que passa ao largo de grandes corporações ou de sentidos institucionalizados, e mesmo de ambientes menos óbvios, como uma cafeteria. O que vemos é o hábito de consumo desse café excedente, que ganha formas absolutamente variadas e marca a vida diária da população colombiana.

Jorge Panchoaga

POPAYÁN, COLOMBIA, 1984



Casi Café [Quase café], 2008

fotografia digital preto e branco,
ampliação sobre papel fotográfico
cópia de exibição cedida pelo artista
© Jorge Panchoaga

As lentes captam o clima do café de rua, consumido e vendido em mercados e em família. O centro da série está na dinâmica social de sobrevivência de uma cultura popular que resiste. A cada imagem, desnuda-se aos poucos a relação humana envolvida no consumo do café. Tal efeito é obtido através do movimento interno às imagens: na maior parte delas, o café está em primeiro plano, ficando para o segundo o universo que circunda a bebida. Assim, o café aparece como um vetor social.

Nas imagens reunidas em *Casí café*, é possível ver gestos e métodos de consumo não “exportáveis” – interiorizados e subjetivos. Tradições como os *tinteros*, vendedores ambulantes de café, são enaltecidas nas tomadas que preservam a proximidade corporal sem abrir mão da camada (mais clássica) do instante fotográfico. O quase café, assim, atravessa o meio poético e investigativo para se tornar um quase sujeito. Por exemplo, nas imagens em que máquinas de café adquirem uma grandiosidade monumental, e aparecem acompanhadas por seu “maestro”, como parceiros de todos os dias; ou, ainda, da máquina que, rodeada por marcas de bebidas, torna-se um símbolo avesso à logomarca.

Casí café nos mostra uma relação verdadeira que sobrevive no café diário, no contato pessoal – e portanto, simbólico – com uma contracultura espontânea.



© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga



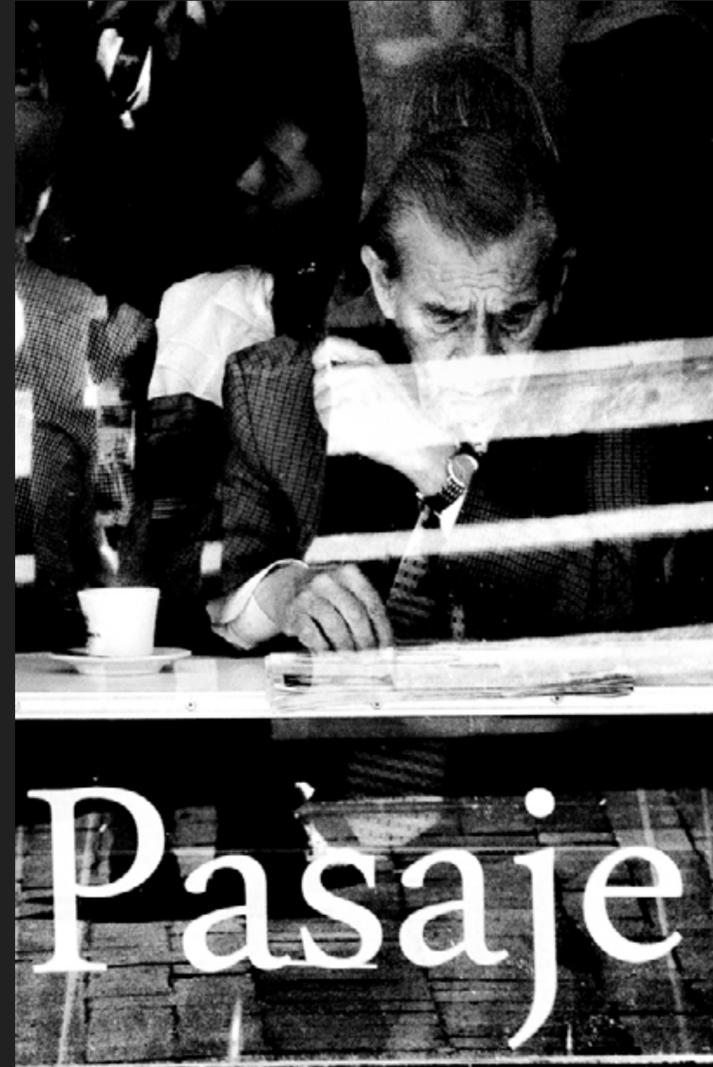
© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga



© Jorge Panchoaga

RÁDIO CAFÉ

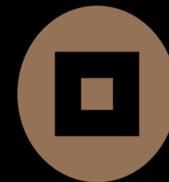
Rádio Café

Em uma homenagem ao café e à sua presença em nossa vida, a Rádio Café traz ao público as reverberações da bebida na literatura, na música e no cinema.

[Assista aqui: cafemundoexpo.com.br/radiocafe](http://cafemundoexpo.com.br/radiocafe)



Música



Cinema



Literatura

Música

Tão presente em nossa vida, o café é cantado em muitas línguas e estilos ao redor do mundo. Uma das obras mais célebres sobre o tema é a *Kaffee Kantate* (Cantata do Café), pequena ópera cômica composta por Johann Sebastian Bach entre 1732 e 1735, por encomenda de Zimmermann, proprietário de uma cafeteria em Leipzig, na Alemanha.

O café está em todas: no Brasil, na música caipira e na MPB; na Colômbia no *vallenato* e na salsa; nos Estados Unidos e na Europa, no jazz e na música popular.





Música

Quer ouvir músicas nas quais o café é o tema? Confira aqui as playlists criada especialmente para a exposição Café Mundo no Deezer.



[Acesse a playlist
Café Mundo Instrumental](#)

Uma seleção de músicas de diversas sonoridades, e nacionalidades onde compartilham o gênero instrumental e a menção ao café no título. Para curtir tomando uma deliciosa xícara de café.



[Acesse a playlist
Turnê Café Mundo](#)

Seleção de músicas de diversas partes do mundo que tem em comum a presença do café em suas letras ou títulos.



[Acesse a playlist
Café Mundo Brasil](#)

Seleção de músicas brasileiras em diversos estilos musicais que compartilham de alguma forma, seja na letra ou no título nossa bebida preferida - Café!

Cinema

A tela abre e vemos Audrey Hepburn – ou melhor, Holly Golightly – descendo de um táxi em frente à joalheria Tiffany's e tirando, de um saco de papel, um croissant e um copinho de café. A clássica cena inicial do filme *Bonequinha de Luxo* é só uma entre milhões de aparições ilustres do café no cinema mundial.

Mediador de relações, companheiro de solidão ou combustível para o trabalho, o café está tão presente no cinema quanto em nossas vidas. As “cenas de café” como a descrita acima, é um recurso de roteiro muito utilizado no cinema, como quando o herói costuma conhecer novos amigos e inimigos para enfrentar sua jornada – muitas vezes esse encontro acontece em uma cafeteria. Mais que um coadjuvante, uma xícara dessa bebida pode ser um artifício para mudar o rumo de uma história, como nos filmes de faroeste onde o caubói joga o resto de café na fogueira quando decide levantar acampamento, ou às vezes a notícia é tão surpreendente que a xícara cai da mão do personagem, como no final de “*Os Suspeitos*”, ou uma das centenas de citações à essa cena que encontramos nas séries de TV e em longas-metragens.

Acesse a lista de filmes:

cafemundoexpo.com.br/radio-cafe/

Ilustrações: William Feitosa Nascimento



Anna Karina em um dos filmes de Godard, 1960's

Hanna Karin Blarke Bayer (1940 – 2019), conhecida artisticamente como Anna Karina, nasceu em Copenhague, Dinamarca, e mudou-se para a França em 1958, quando iniciou a carreira como modelo. Passou a atuar em filmes após conhecer **Jean-Luc Godard** (com quem se casaria anos mais tarde), se tornando uma das atrizes símbolo da Nouvelle Vague (Nova Onda), movimento artístico que fazia referência a novos cineastas franceses na década de 60. Se destacou, principalmente, por seu trabalho em “Uma Mulher É Uma Mulher” (1961), “Viver a Vida” (1962), O “Demônio das Onze Horas” (1965) e “Alphaville” (1965).

Anna Karina faleceu em 14 de dezembro de 2019, aos 79 anos, em decorrência de um câncer.



François Truffaut e Jean-Pierre Léaud em *Os Incompreendidos*, 1959

O nome do longa-metragem em francês traz uma expressão popular que em português equivale a “fazer o diabo a quatro”, isso porque a narrativa traz a história de Antoine Doinel (Jean-Pierre Léaud), um adolescente parisiense que se rebela contra o autoritarismo da escola e a falta de apreço de sua mãe e do padrasto.

A obra de **François Truffaut** produziu uma história quase autobiográfica, inspirada em suas próprias experiências. ***Les quatre cents coups*** é a primeira parte de um conjunto de cinco filmes que acompanharam de 1959 a 1979, a evolução do personagem Antoine Doinel, que reaparece em outras fases da vida, nos filmes “*L’amour à vingt ans*” (1962), “*Baisers volés*” (1968), “*Domicile conjugal*” (1970) e “*L’amour en fuite*” (1979).



Twin Peaks, 1991

A série norte americana criada por **Mark Frost** e **David Lynch**, estreou nos Estados Unidos em abril 1990. Conta a história de uma investigação realizada por um agente do FBI sobre o assassinato de uma estudante de colegial na cidade ficcional de Twin Peaks, em Washington.

A cena na ilustração apresenta três personagens na icônica sala de espera da *Black Lodge*, quando a personagem Gigante (Carel Struycken) oferece café ao detetive do FBI, Dale Cooper (Kyle MacLachlan), na companhia de Homem de Outro Lugar (Michael J. Anderson). A cena é do episódio 29, último da segunda temporada.

Twin Peaks tornou-se um dos programas mais assistidos da década de 1990 e um sucesso internacional de crítica. A chegada da série serviu para romper preconceitos e expandir o universo das séries de TV, tornando-se parte da cultura popular e servindo de referência para outras séries de televisão, comerciais, quadrinhos, jogos eletrônicos, filmes e músicas.



John Wayne em Bravura Indômita, 1969

Longa metragem estadunidense que mistura drama, aventura e faroeste, dirigido por **Henry Hathaway**, com roteiro de **Marguerite Roberts** e baseado em livro de **Charles Portis**.

John Wayne interpreta "Rooster Cogburn", um cowboy beberrão, falastrão e caolho que é contratado por 100 dólares por uma garota, Mattie Ross (Kim Darby), para que capture o homem que roubou as economias da família e assassinou seu pai. O problema é que a jovem exige acompanhá-lo na caçada e, é claro, se mete nas maiores confusões.

John Wayne é uma das maiores encarnações do cowboy americano e seu papel de Cogburn talvez tenha sido seu trabalho mais marcante, tendo lhe rendido o Oscar de Melhor Ator.



John Travolta e Samuel L. Jackson em Pulp Fiction, 1994

Pulp Fiction é um drama policial escrito e dirigido por **Quentin Tarantino** em 1994. Com uma narrativa não-linear, conta histórias isoladas que em alguns momentos se conectam. Foi inspirado pelas revistas pulp comercializadas no início dos anos 1990 e que tinham como características a baixa qualidade de que eram produzidas, com papel barato, e histórias recheadas de humor negro, ficção científica e alguma aleatoriedade.

O talento e a personalidade de Tarantino marcaram a história com este longa-metragem caracterizado pela sua violência gráfica, humor negro e personagens que ficaram no imaginário popular.



Bernard Verley e Zouzou em Amor à Tarde, 1972

L'amour l'après-midi é o último conto moral da série de seis, dirigida pelo francês **Eric Rohmer**.

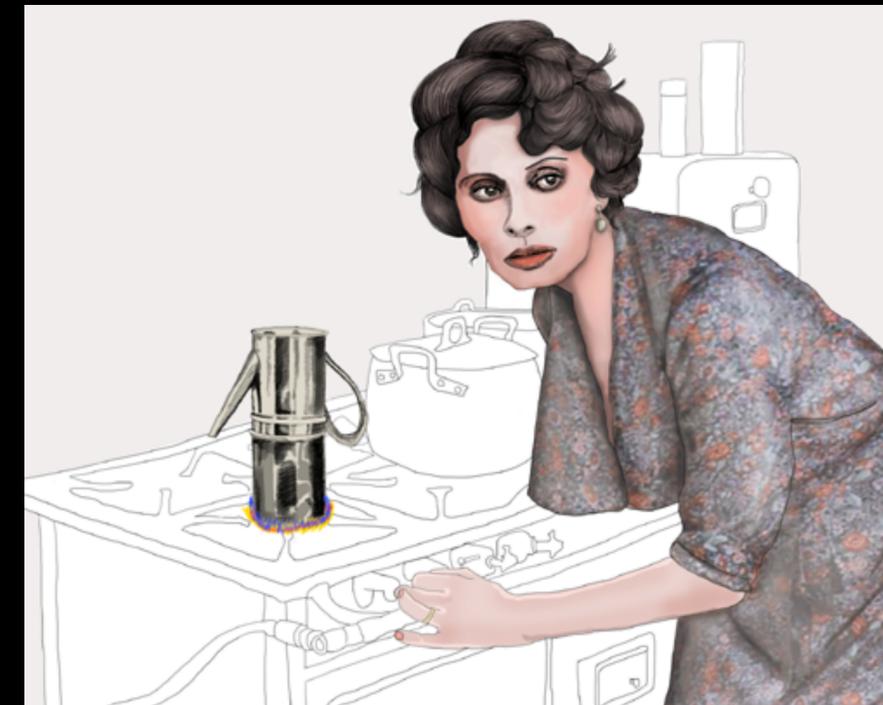
Frédéric (Bernard Verley) é sócio de um pequeno escritório em Paris e se considera feliz em seu casamento com Hélène (Françoise Verley), uma professora com quem teve recentemente seu segundo filho. Apesar disto, Frédéric sonha todas as tardes com outras mulheres, sem ter ido além de seus sonhos. Até que um dia aparece em seu escritório Chloé (Zouzou), ex-amante de um grande amigo, que passa a lhe fazer visitas regulares culminando em encontros onde os dois discutem amor existencialista em vários cenários incluindo, é claro, a cafetaria da esquina



Marcello Mastroianni e Daniela Rocca em Divórcio à italiana, 1961

Divorzio all'italiana é uma das maiores comédias italianas da história. Esse clássico dirigido por **Pietro Germi**, foi indicado ao Oscar de melhor diretor e ator levando para casa a estatueta de melhor roteiro original.

Na trama, o barão Fefé Cefalu (Mastroianni) está entediado com a vida e com sua mulher Rosalia (Daniela Rocca). Após passar um verão na companhia da jovem prima Ângela (Stefania Sandrelli), percebe-se apaixonado por ela. Como o divórcio era proibido na Itália nos anos 1960, ele decide matar a esposa. Com brilhante atuação de Mastroianni e um roteiro hilário, "Divórcio à Italiana" é uma comédia esperta, inteligente e de humor negro ímpar.



Sophia Loren em Um dia muito especial, 1977

O longa-metragem *Una Giornata Particolare* é uma comédia dramática de **Ettore Scola**.

Em Roma de 1938, Antonietta (Sophia Loren) é uma solitária dona de casa que inicia uma amizade com seu vizinho Gabriele (Marcello Mastroianni), que tinha sido demitido recentemente da rádio onde trabalhava por ser homossexual. Ela, por sua vez, era uma esposa infeliz, casada com um fascista e insegura pelo fato de não ter uma formação profissional. Gradativamente os dois desenvolvem um tipo muito especial de amizade.



Fotografia de Robert Doisneau

Robert Doisneau (1912-1994), um dos fotógrafos mais populares da França ficou conhecido mundialmente por sua fotografia de rua e de cafés de Paris, retratando a vida dos subúrbios de forma humorística, mas sem muita empatia, apresentando como resultado de seu trabalho, fotografias ícones da vida parisiense.



Ilustração: Cassiano Reis

Nighthawks Café

A ilustração reúne referências ao imaginário cultural relacionado à bebida mais consumida do mundo depois da água. Começando pelas cores e a moldura em estilo Art Nouveau, o painel traz imagens icônicas ligadas ao café, como Jack Lemmon carregando dois cafezinhos, um para ele e um para Shirley MacLaine (que está fora de quadro) em “Se meu apartamento falasse” (1960), a grande comédia de Billy Wilder; uma mão feminina que exala um perfume de café em ilustrações publicitárias dos anos 1970.

Também podem ser vistos na ilustração, em três planos diferentes, personagens de Edward Hopper, o grande pintor norte-americano dos anos 1920, como a moça solitária de “The Automat” (1927) e as pessoas retratadas em “Nighthawks” (1947), sua pintura mais conhecida e uma das mais importantes a tocar o tema do café. Um detalhe que poderia passar despercebido é que, aqui, um dos clientes da pintura original foi trocado por uma mulher negra, que seria presença improvável em uma cafeteria em alguns estados americanos nos anos 1940, mas é personagem de importância fundamental na história apresentada por essa exposição.

De pé sobre um tamborete, Gabriela, filha de um dos diretores de arte da exposição Mundo Café, representa nossos filhos e a criatividade envolvida nesse trabalho. Por fim, uma paisagem de Aubrey Beardsley, importante ilustrador britânico, fecha a composição da ilustração.



Literatura

Historicamente, café e literatura andam juntos. Em ambientes sociais, a bebida se popularizou ao redor do mundo quando virou presença constante em encontros culturais, ainda no século XVI. Tanto no Oriente quanto nas primeiras cafeterias europeias que, por abrigar declamações e debates acalorados entre escritores e poetas ficaram conhecidas como cafés literários.

Em casa e no trabalho, o café é, historicamente, o combustível de autores anônimos e famosos. Como o escritor Honoré de Balzac, autor de mais de 95 livros. Segundo biógrafos, ele consumiu mais de 50 mil xícaras de café em uma vida de jornadas diárias de dez a quinze horas de trabalho.

**“Mas não importava.
Ninguém olhava para ela
na rua, ela era café frio.”**

CLARICE LISPECTOR
EM A HORA DA ESTRELA

**“Eu fui à cozinha fazer
café – muito café. Rico,
forte, amargo, fervendo
de tão quente, impiedoso,
depravado. O sangue da vida
de homens cansados.”**

RAYMOND CHANDLER
EM O LONGO ADEUS

**“Eu preferiria ganhar
café do que elogios
neste momento.”**

LOUISA MAY ALCOTT
EM MULHERZINHAS

**“Tem algo que me irrita
demais – se alguém diz
que o café está pronto
e, na verdade, não está.”**

JEROME DAVID SALINGER
EM O APANHADOR
NO CAMPO DE CENTEIO



Literatura

Além da bebida em si, o café e sua importância histórica, são tema de inúmeras narrativas e estão presentes em livros produzidos ao redor do mundo. No Brasil, a economia do café e seus atores aparecem em obras literárias como *Cidades mortas*, de Monteiro Lobato, *Marco zero*, de Oswald de Andrade, e *Flama e argila*, de Menotti del Picchia.

Acesse a lista de livros:

cafemundoexpo.com.br/radio-cafe/

**“Antes que a tarde
amanheça
e a noite vire dia
põe poesia no café
e café na poesia.”**

PAULO LEMINSKI

**“Um café e um amor.
Quentes, por favor.
Pra ter calma nos
dias frios, pra dar
colo quando as coisas
estiverem por um fio.”**

CAIO FERNANDO ABREU

**“O café é tão grave,
tão exclusivista, tão
definitivo que não admite
acompanhamento
sólido. Mas eu o driblo,
saboreando, junto com ele,
o cheiro das torradas-na-
manteiga que alguém pediu
na mesa próxima.”**

MÁRIO QUINTANA

**“...O meu plano foi esperar
o café, dissolver nele
a droga e ingeri-la...”**

MACHADO DE ASSIS
EM DOM CASMURRO

FOTOS DA EXPOSIÇÃO











FICHA TÉCNICA

Exposição Café Mundo

REALIZAÇÃO

Brahmi Cultural

COORDENAÇÃO GERAL

Tudo Cultural

PRODUÇÃO EXECUTIVA E DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Frida Projetos Culturais

CURADORIA

Marília Bonas e Pedro Nery

PROJETO EXPOGRÁFICO E CENOGRAFIA

Elástica SP Cenografia

William Zarella Junior

Beatriz Christal

Alexandre Garcia Gonçalves Ferreira

José Guilherme Lobarinhas Júnior

Fábio Martins

Adriano dos Santos Pires

Daniel José da Silva

Ezequiel José da Silva

Pedro Henrique Augusto Reis

PESQUISA

Leticia Ranzani

Thais Bellani

PRODUÇÃO

Lorena Valente Latorre

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Fernando Brigadeiro

PRODUÇÃO DE OBJETOS

Joana Kaye Faro Leonzini

Milena Waileman

Daniela Youssef Taouil

Vanessa Balsalobre

ADEREÇO E VITRINISMO

Cristina Decot

Silvia Helena Moraes

Marcos Bertoni

TAPEÇARIA

Alex Alves da Silva

MOTORISTA – PRODUÇÃO DE OBJETO

Alcebiades Moia Uliani

João Batista Pereira Pardim

PROJETO DE ILUMINAÇÃO

Aldrey Hibbein

LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTO DE LUZ E MONTAGEM

Santa Luz

DIREÇÃO DE ARTE E CONTEÚDO

José Sampaio

Direção de Arte e roteiro

Cassiano Reis

CONTEÚDOS DIGITAIS

Studio Intro

(José Sampaio, Cassiano Reis, Dario Honsho)

TRILHA SONORA

Nego Mozambique

Master San

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Vinicius Colé

Produção e Câmera

Léo Virno

Produção e Som direto

Gustavo Magrão

Câmera

Plínio Funabe Higuti

LOCUÇÕES

Bel Fontana

ATORES

Joana Ceccato e Rodrigo Carneiro

ILUSTRAÇÕES

William Feitosa Nascimento, Cassiano Reis

CONTEÚDOS INTERATIVOS

Loud Noises

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Karen Keppe

LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTO DE PROJEÇÃO E SOM

Luzi Locação de Equipamentos Audiovisuais

REGISTRO FOTO E VÍDEO

Fisheye

IDENTIDADE VISUAL

Amanda Bellani e Felipe Takashi

IMPRESSÃO FOTOGRAFIAS

Giclê Fine Art Print

COMUNICAÇÃO VISUAL

Watervision

TRANSPORTE DE OBRAS

Millenium Transportes

SEGURADORA

Affinitè Corretora de Seguros

EDUCADORES

Laís Miho Nakaharada

Nicolle Louise Latorre

Paula Ampessan

Paula Francine Garrefa

WEBSITE

Paulo Fehlauer

REVISÃO DE TEXTO

Teté Martinho

ASSESSORIA JURÍDICA

Conecta Cultural

MAB FAAP

DIRETORIA

Fernanda Celidonio - Diretora Administrativa

ACERVO

Laura Suzana Rodríguez

CONSERVAÇÃO

Maria Cristina Ribeiro dos Santos – Coordenadora

Ana Carolina Cunha Boaventura

ADMINISTRATIVO

Rita de Cássia da Silva Ribeiro

PRODUÇÃO

Vanessa Ferreira Sousa

EDUCATIVO

Tatiana Bo - Coordenadora

Caroline Spagnol

Natália Bergo Baco

EDUCADORES

Aline Maria Olegário da Silva

Bruna Medeiros Passos

Paula Sayuri Shiobara Yida

Tiago da Paixão Nunes

Rafael Conti

SECRETARIA

Rosa Guarino

MONTAGEM

Fábio Florêncio Borges

Leandro dos Santos Dias

COLABORADORES

Programação visual

Marketing FAAP

Assessoria de imprensa

Tatiana Serafino e Oboé Comunicação Corporativa

Segurança e limpeza

Impacto

Fundação Armando Alvares Penteadado

CONSELHO DE CURADORES

Presidente

Sra. Celita Procopio de Carvalho

Integrantes

Dr. Benjamin Augusto Baracchini Bueno

Dr. Octávio Plínio Botelho do Amaral

Dr. José Antonio de Seixas Pereira Neto

Sra. Maria Christina Farah Nassif Fioravanti

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente

Dr. Antonio Bias Bueno Guillon

ASSESSORIA DA DIRETORIA

Assessor Administrativo e Financeiro

Sr. Tomio Ogassavara

Assessor de Assuntos Acadêmicos

Prof. Rogério Massaro Suriani

FACULDADE ARMANDO ALVARES PENTEADO

Diretor

Embaixador Rubens Ricupero

PATROCÍNIO



syngenta

APOIO



COORDENAÇÃO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



21 JUL - 19 SET 2021

CAFÈ MUNDO

UMA EXPOSIÇÃO IMERSIVA